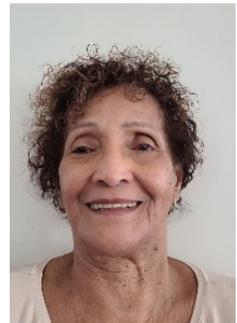


Capítulo 3

MEMORIAL

Cleonilda Maria Camargo de Abreu (CBNB)



É experiência aquilo que nos passa, ou que nos toca, ou que nos acontece,
e ao passar-nos nos forma e nos transforma...

Jorge Larrosa



Início meu memorial trazendo lembranças que marcaram a minha vida e da minha família. Meus pais, são naturais do Estado de Minas Gerais, migraram para o Rio de Janeiro após se casarem. Foi o local que escolheram para constituir nossa família. Minha decisão em começar a escrita sobre a minha trajetória, apresentando primeiro a história inicial da vida deles, foi porque considero que meus pais foram meu grande exemplo de vida, mas principalmente pelo papel que assumiram na minha trajetória de formação.

Meu pai, cabo do Exército, ex-combatente, morreu em serviço em 1964 deixando minha mãe viúva, com nove filhos menores, sendo eu a mais velha. Nessas condições, sempre fui a pessoa que deu muito apoio à minha mãe nos cuidados e criação dos irmãos menores.

Minha mãe, neta de ex-escravos e que fora criada no interior de Minas Gerais, não frequentou escola, não sabia ler e escrever. Veio para o Rio de Janeiro, após meu pai retornar da guerra e se casarem.

Após a morte precoce do meu pai, com 45 anos de idade em 1964 e ainda na ativa, ela com 39 anos, ficou sozinha com nove filhos menores. Foi quando passou por uma experiência marcante na sua vida: Sendo viúva de militar, precisou abrir uma conta corrente na Caixa Econômica para receber a pensão que lhe cabia por direito. Não sabendo ler e escrever, para receber seu dinheiro, tinha que tirar as impressões digitais ali na agência na frente de todos, o que lhe causava profundo constrangimento e tristeza.

Assim, em 1964, ela se empenhou para ingressar em uma escola noturna, próxima da nossa residência, no bairro de Guadalupe. Foi quando ela se apropriou da leitura e da escrita e passou a amar as novas possibilidades conquistadas e que a ajudavam a conhecer o mundo, se comunicar e expressar seu pensamento, o que a fazia muito feliz! E assim, de acordo com Benjamin (1994) posso dizer que cada época não somente sonha a seguinte, mas ao sonhá-la força-a a despertar.

Com a importância que dava ao novo modo de ver o mundo, passou a alimentar o sonho de que eu me tornasse professora. Então, percebendo o entusiasmo de minha mãe e seu desejo que eu me tornasse professora, fiz concurso e consegui ingressar no Curso Normal, na Escola Normal Júlia Kubitschek.

Na época, o acesso ao quadro de magistério do Estado da Guanabara era mediante o ingresso nas escolas normais estaduais. A profissão de professora era muito valorizada, mas eu, provavelmente por rebeldia, na ocasião, me afastei do magistério.

Como qualquer moça daquela época, me dediquei ao casamento e logo vieram os filhos e aos poucos fui construindo minha história, estando somente no lar. Depois de algum tempo, passei a desejar retornar ao magistério, sobretudo ao

ensino público. Observava as mazelas sociais existentes na época e percebi que poderia contribuir de alguma forma com a educação brasileira.

Nessa mesma época, passei por uma experiência muito significativa em minha história: Já com quatro filhos pequenos, casada com um cirurgião dentista e totalmente dedicada ao lar e à família, em uma discussão ouvi meu marido me chamar de 'parasita'. Foi uma palavra dura que me fez chorar, mas impulsionou ainda mais o desejo de sair daquele lugar colocado por ele, para mim.

No dia seguinte, em uma banca de jornal, vi uma chamada de um concurso para o quadro do magistério da Cidade do Rio de Janeiro, me inscrevi e obtive sucesso. Fui designada para trabalhar na Penha, próximo à comunidade da Vila Cruzeiro, na Escola Monsenhor Rocha.

Na Secretaria Municipal de Educação, SME. E assim, minha história estava tomando um novo rumo, com muitas possibilidades de crescimento. Minha atuação na SME aconteceu no período de 1984 a 1997.

No início de 1985, comecei a trabalhar com Dupla Regência na própria Secretaria Municipal de Educação e no final do ano, iniciei um novo projeto, determinada a me preparar para um novo concurso. E foi assim que conquistei ter uma segunda matrícula como professora da rede pública.

Desde o meu ingresso na Prefeitura do Rio de Janeiro, sempre fiz os cursos que me eram oferecidos, sabia que estava enriquecendo minha formação e assim, não deixava de aproveitar todas as oportunidades que me eram oferecidas, participando de projetos diferenciados de Formação em Serviço. Alguns cursos eram realizados fora do horário de serviço. Preciso admitir que eles tiveram muita importância em minha trajetória porque me ajudavam nas reflexões e ações da minha prática enquanto professora das séries iniciais.

Tenho gravada na minha memória o quanto foram importantes esses momentos de formação em serviço ofertados pela SME entre os anos 1980/1990.

Trabalhei no CIEP Dr. João Ramos de Souza. Ali, tínhamos um pequeno grupo de professoras que mergulhavam avidamente nos estudos e leituras que a SME dispunha na sala de leitura. Assim, após o horário das aulas e nos finais de semanas, procurávamos ficar na sala de leitura para o conhecimento de obras relacionadas às questões pedagógicas, discussões e reflexões sobre temas pertinentes aos estudos dos processos de ensino/aprendizagem.

Foi quando saiu o edital do concurso público para ingresso no magistério do Colégio Brigadeiro Newton Braga, com abertura de oito vagas para professores dos anos iniciais. O concurso teve aproximadamente mil inscritos. Fizemos as inscrições e, quando saíram publicados os resultados, das vagas ofertadas, quatro delas foram ocupadas por professoras do nosso grupo de estudo no CIEP Dr. João

Ramos, com classificações no 1º, 3º, 4º e 8º lugares. Atribuo o resultado aos momentos de estudo que vivenciamos com ajuda da SME. Nos sentimos potente, foi maravilhoso!

Em 1992, entrei para a Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ para o Curso de Pedagogia, CPM (Convênio Prefeitura Municipal). Era um convênio que foi estabelecido na época entre a SME e a UERJ. Para ingressar no curso era necessário realizar um vestibular exclusivo e só poderiam se inscrever, professoras que comprovassem estar atuando em sala de aula, naquele momento.

Esse Curso de Pedagogia – Habilitação: Magistério das Series Iniciais do 1º grau, veio em resposta a nossa Constituição de 1988 quanto ao padrão de qualidade no desenvolvimento do ensino. Posteriormente, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394/96, anunciava a formação em nível superior para todos os professores dos Anos Iniciais.

Foi um momento mágico em minha trajetória porque o curso valorizava os nossos saberes, as nossas práticas e o trabalho que desenvolvíamos com as crianças na escola. Nós trocávamos experiências o tempo todo, além de dialogarmos com as teorias que davam sustentação as práticas que realizávamos. Nossos professores nos ajudavam a compreender a importância dos estudos teóricos que estávamos realizando, mas sempre em diálogo com a prática.

E levávamos para nossas escolas as experiências que estávamos vivenciando na Universidade, e isso também contribuía com a formação daquelas que ainda não tinham a oportunidade de ter o nível superior.

Quando o profissional se revela flexível e aberto ao cenário complexo de interações da prática, a reflexão na ação é o melhor instrumento de aprendizagem. No contato com a situação prática, não só se adquirem e constroem novas teorias, esquemas e conceitos, como se aprende o próprio processo dialético da aprendizagem (GOMES, 1995, p. 104).

Considero o ingresso na universidade, um momento muito especial em minha carreira docente, porque pude compreender teoricamente aquilo que fazia a tanto tempo na prática com as crianças, mas sem ter um suporte teórico consistente, baseado também nas discussões com meus pares e professores universitários.

No ano de 1996, prestei concurso para o magistério público federal e ingressei como professora civil na Força Aérea Brasileira (FAB). Fiquei lotada no Colégio Brigadeiro Newton Braga (CBNB), situado no Galeão, Ilha do Governador. No ano seguinte, incorporei ao regime de dedicação exclusiva no CBNB, local onde atuo até o presente momento.

Naquela época em que ingressei no Colégio Brigadeiro Newton Braga, me causou estranhamento o ambiente que encontrei, no Colégio. Nas paredes não havia a presença de estímulos as práticas de escrita, letramento e linguagens. Tudo era muito diferente do que eu tinha vivenciado na minha passagem pela Secretaria Municipal de Educação. Com o passar do tempo e a partir das conversas na sala dos professores, nós, professores do CBNB começamos a mudar o quadro apresentado e, ao longo do tempo, passamos a nos envolver com a necessidade de iniciarmos grupos de estudo. Fomos iniciando os estudos aos poucos e em pequenos grupos, entre os que quisessem participar. Com isso, nossas práticas foram mudando, a partir do embasamento teórico que estávamos buscando.

Atualmente, temos um grupo de estudos oficializado pelo CNPQ, que pode ser considerado de Excelência sob a coordenação da Prof^a Dr.^a Jussara Cassiano Nascimento porque mergulhamos nas questões que envolvem o cotidiano escolar e dos diferentes saberes das práticas pedagógicas. Dialogamos com teóricos que buscam aproximar a educação da vida.

No ano de 2007, resolvi fazer concurso para o Mestrado e ingressei no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro UERJ, para desenvolver o projeto intitulado: ARTE CAPOEIRA: MULTICULTURALISMO X (DES)IGUALDADE SOCIAL. Porém, por incompatibilidade de horário, a disciplina Seminário de Consolidação Temática estava disponível no mesmo horário em que eu teria que estar em classe. Na época, a Coordenadora, sugeriu que eu pedisse uma licença sem vencimento o que, para mim seria inviável. Assim, por não ter conseguido liberação de horário no trabalho, infelizmente não pude concluir o curso.

No ano de 2015, alguns professores resolveram lançar no espaço da escola o livro Guia Patrimonial da Pequena África. Todos estavam envolvidos com as questões da consolidação das leis 10 639/2003 e 11 645/2008. Surgiu a ideia da construção coletiva de um projeto que desse visibilidade à história e culturas afro-brasileira e indígena. Então, foi criado o Projeto Saravá que tem como objetivo trabalhar com a comunidade escolar a cultura afro-brasileira e indígena no espaço escolar e que tem uma culminância dessas atividades no mês de maio no espaço escolar. Destaco a quarta edição do evento, onde o mesmo já consolidado, proporcionou uma movimentação muito grande em nosso colégio. Foi possível organizarmos uma série de atividades como: oficinas, palestras, rodas de conversas, apresentação de jongo, capoeira, maculelê, contação de histórias, teatro, músicas, filmes, vídeos e almoço com feijoada.

Com as atividades que ocorreram na culminância anual do Projeto, organizamos uma oficina sobre o racismo presente nos espaços sociais. Essa oficina foi idealizada a partir de um vídeo de apresentação do cantor Jorge Aragão interpretando a música “Identidade”, com uma reportagem publicada na revista Galileu, nº 290, 09/ 20015, com o título de ‘Você é racista – só não sabe disso ainda’, e com um outro vídeo em que são apresentadas falas de pessoas entrevistadas, onde o entrevistado pergunta se as pessoas ‘sentem o racismo presente no cotidiano de suas vidas’. Em seguida, convidamos os participantes a se manifestarem sobre o observado e as reflexões que se apresentaram foram bem significativas.

A oficina descrita acima foi apresentada durante o Projeto Saravá, foi inscrita e aceita para apresentação no Museu de Arte do Rio em dezembro de 2016, sendo possível realizar um debate com os participantes acerca da oficina, mas também sobre a inserção de um projeto que traz para o espaço escolar discussões em torno dos preconceitos racistas que ocorrem na sociedade.

Em seguida organizamos um texto acadêmico onde explicitamos todo o desenrolar da oficina e os resultados parciais que surgiram com nossos estudantes a partir da mesma. Esse texto foi aceito para apresentação no 21º COLE, ou seja, 21º CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, para uma roda de conversas intitulada “Oralidade afro-brasileiras e africanas (in)visibilidade dos negros”, na UNICAMP, Campinas, em 07/2018.

Buscando me preparar para fazer um curso de Mestrado, ainda no ano de 2018, fiz matrícula como aluna especial no Mestrado Profissional de Ensino em Educação Básica – PPGE – CAP/UERJ, na disciplina ‘Espaços educativos não formais no ensino de História: entre memórias e identidades’ – com a Prof. Dra. Helena Maria Marques Araújo. Essa disciplina contribuiu para que eu pudesse enriquecer meu projeto de estudos, além de proporcionar um diálogo frutífero com os colegas e com a professora.

Em seguida fui convidada para participar de uma roda de conversas: INTERCULTURALIDADE, COLONIALIDADE E EDUCAÇÃO, com o Prof. Dr. Reinaldo Fleuri. Fiquei encantada com tudo que conversamos e que tanto enriqueceram meus conhecimentos. Essa experiência sinalizou para mim, a necessidade de reflexões sobre o poder colonial e as relações desumanas entre opressores e oprimidos e de como as transgressões/insubordinações dos oprimidos podem ser a saída para a libertação e superação de maldades dirigidas a um grupo social de pessoas: os negros.

Atualmente, trabalho com estudantes do 1º ao 5º ano de escolaridade com o componente curricular Artes. Temos uma sala apropriada, onde os estudantes se deslocam para esta sala, dentro de um horário pré-estabelecido. Essas aulas de

Artes são organizadas a partir de projetos interdisciplinares que envolvem os outros professores da instituição, principalmente aqueles que atuam no Núcleo Comum do 1º segmento.

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história.

Benjamin, 1994